

## RESENHA

### **Pensamento crítico e argumentação sólida são processos comportamentais e vão muito além de um conjunto de regras para realizar tais comportamentos**

*Critical thought and solid argumentation are behavioral process and go way beyond a set of rules to be carried through*

**Gabriel Gomes de Luca  
Sílvia Paulo Botomé**

Universidade Federal de Santa Catarina

Navega, S. (2005) *Pensamento crítico e argumentação sólida: Vença suas batalhas pela força das palavras*. São Paulo: Publicações Intelliwise.

É possível identificar comportamentos da classe denominada “criticar”? Eles são conhecidos? Quanto? Se for possível identificar tais comportamentos, quais as características que eles têm e que os fazem pertencer à categoria usualmente denominada por “criticar”? O livro *Pensamento crítico e argumentação sólida: vença suas batalhas pela força das palavras*, de Sergio Navega, é uma obra que apresenta algumas das características desse processo comportamental. A obra, embora enfatize a argumentação e o pensamento como aspectos constituintes do criticar, não dá ainda suficiente destaque a outros aspectos importantes desse tipo de comportamento. Mas os apresenta em muitos momentos ou, pelo menos, os insinua ou mostra superficialmente. A obra apresenta critérios para construção e avaliação de argumentos sólidos, assim como procedimentos para identificar erros de linguagem no processo de criticar. Mesmo não sendo um livro que analisa ou caracteriza o comportamento de criticar, é importante que psicólogos e analistas do comportamento leiam a obra para conhecerem algumas das características do “pensamento crítico” e da “argumentação sólida”, dois aspectos de uma classe mais geral de comportamento: o comportamento “criticar”, algo constante na vida de acadêmicos, pesquisadores, professores e psicólogos mas nem sempre suficientemente conhecido para não ser confundido com comportamentos de senso-comum, também usualmente denominados por esse mesmo nome: criticar. A tal ponto que, embora seja um comportamento profissional e instrumental importante, é pouco conhecido e até considerado como de “mau-gosto”, “inadequado” ou

“impertinente”. Talvez mesmo por ser pouco e mal conhecido. O texto *Pensamento crítico e argumentação sólida*, por isso, pode ser uma boa surpresa e contribuição.

O livro de Sergio Navega apresenta como contribuição à Psicologia e ao trabalho dos psicólogos a explicitação de alguns comportamentos que constituem um pensamento crítico e uma argumentação sólida, ainda que o autor não explicita comportamentos mais específicos componentes de cada classe comportamental, examinando apenas as classes gerais. O autor do livro é físico e trabalha com consultoria em empresas e, embora não utilize uma linguagem como a utilizada por psicólogos ou por analistas do comportamento, destaca alguns comportamentos (sem utilizar esse termo) que constituem o “pensar criticamente” e o “argumentar solidamente”. Por exemplo, algumas das classes de comportamentos destacadas por Navega são: argumentar, construir argumentos, transformar opiniões em argumentos, criticar argumentos, analisar argumentos, melhorar os próprios argumentos, entre outras classes de comportamentos. O exame que ele faz de cada um ajuda a entender melhor o que considerar para construir (aprender ou ensinar) tais comportamentos embora não examine todos os componentes de cada comportamento envolvido na classe geral “criticar” como Botomé (2001) mostra ser necessário para entender qualquer processo comportamental, em qualquer amplitude de abrangência em que seja caracterizado. A obra de Sergio Navega, ao apresentar as classes de comportamentos que constituem o criticar, não destaca os aspectos do meio

(situação antecedente e os resultados) com os quais uma pessoa que apresenta o comportamento de criticar se relaciona de maneira sistemática, embora apresente muitas informações sobre isso.

Ao tratar o pensamento crítico e a argumentação sólida, o autor examina o processo de criticar por meio de um exame de natureza mais próxima ao que poderia ser considerado como uma “Lógica instrumental”, destacando pouco outras características e prováveis decorrências da apresentação desse tipo de comportamento. Há, por exemplo, outras obras que caracterizam o pensamento crítico com um tipo diferente de exame e, como conseqüência, destacam outros aspectos desse processo comportamental. Silva (2002), ao avaliar historicamente diferentes definições do pensamento crítico, destaca que esse processo foi investigado com o objetivo de formar cidadãos mais críticos e participativos. A mesma autora, em outras obras (Silva, 2003a, 2003b), destaca a empatia como um aspecto constituinte do pensamento crítico, em que ter sensibilidade ao contexto e compreender a realidade alheia são apresentados como componentes também importantes do processo comportamental que genericamente é denominado por “criticar”. Outro aspecto do pensamento crítico destacado pela autora é a auto-correção (auto-corriger) das próprias opiniões, julgamentos e argumentos, o que constitui uma grande riqueza: o comportamento de avaliar a crítica como parte componente do próprio comportamento “criticar”. Por sua vez, Tenreiro-Vieira e Vieira (2000) destacam o pensamento crítico como um “resultado” a ser produzido em todos os níveis de ensino e o caracterizam como um processo importante para a construção e utilização do conhecimento científico, para a competição no mundo do trabalho, para indivíduos trabalharem em equipes, para resolverem problemas e tomarem decisões. Sergio Navega enxerga, apresenta e examina “criticar” como um processo realizado pelas pessoas, o que o aproxima de um exame psicológico mais do que regras ou resultados a serem obtidos. Sem examinar criticar como um comportamento, mesmo recebendo esse nome, familiar e conhecido, será difícil identificar quando efetivamente ele acontece.

Uma contribuição da obra de Navega para o pensamento crítico e para a argumentação sólida, mais próxima ao que foi considerado uma “Lógica instrumental”, é a organização (e ampliação em relação a várias outras obras) de critérios para construção e avaliação de argumentos válidos (ou sólidos, como diz a metáfora que dá título à obra do autor). Entre esses critérios, é retomada, com muitos detalhes, a estrutura

básica de um argumento, como uma unidade constituída por uma conclusão e por premissas que a sustentam. Essa sustentação é muito mais complexa do que a quantidade ou o tipo de premissas usadas e, nisso, o autor ajuda a esclarecer mais do que alguns dos conhecidos manuais de Lógica. Outro aspecto que a obra retoma, relacionado aos argumentos, é relativo à possibilidade de avaliar a veracidade dos argumentos. Argumentos não são apenas verdadeiros ou falsos, eles podem ser avaliados de acordo com outros critérios, tais como sua validade e aceitabilidade, relevância e suficiência das premissas em relação a conclusão apresentada, entre outros critérios. Esses mesmos critérios, e o fato de os argumentos não poderem ser avaliados apenas como falsos ou verdadeiros (apenas como válidos ou inválidos) são apresentados por diversas outras obras que apresentam critérios e procedimentos para a construção e avaliação de argumentos, entre elas Copi (1978), Carraher (1983) e Booth, Colomb e Williams (2005). O que chama a atenção é a necessidade de um cuidado maior na análise dos comportamentos a que se referem esses nomes (argumentar, avaliar a veracidade, avaliar a pertinência, avaliar a relevância, avaliar a suficiência, criticar, demonstrar...) para um exame e uso muito mais sutil e eficaz desses processos comportamentais, sejam as classes mais gerais de comportamentos (criticar, argumentar...), sejam as mais específicas (avaliar a suficiência, pertinência ou relevância das premissas, avaliar a terminologia utilizada em cada instância do processo de criticar ou argumentar, etc.). Isso pode ser considerado uma contribuição importante dessa obra.

Outra contribuição apresentada na obra de Sergio Navega são critérios e procedimentos para identificar erros em diferentes formas de comunicação. Um dos capítulos do livro (*A enciclopédia das falácias*) apresenta uma lista com diversos tipos de falácias, caracterizadas como argumentos fracos, defeituosos ou raciocínios enganosos. A falácia *ad hominem* (ataque a quem apresenta o argumento e não ao argumento), o apelo à autoridade (tipo de falácia em que uma das premissas não é uma evidência concreta, mas a declaração de uma autoridade no assunto), o apelo à tradição (em que algo é justificado por ser comum ou frequente) são três exemplos dos mais de trinta tipos de falácias apresentados por Navega e que constituem uma concepção de senso comum sobre o que seja argumentar ou criticar. O autor mostra falácias, em geral, de uma forma mais detalhada e didática do que é feito em livros de Lógica ou sobre pensamento crítico. Carraher (1983), por exemplo, também destaca alguns

tipos de falácias ao examinar o senso-crítico mas mantém apenas uma perspectiva da Lógica mais restrita do que o envolvimento com sua utilização no dia-a-dia da argumentação como faz e mostra Sergio Navega. Sagan (1996) apresenta alguns tipos de falácia, no capítulo *A arte refinada de detectar mentiras*, em um de seus livros. A sistematização de Navega acerca dos diversos tipos de falácia é uma contribuição importante e útil devido à quantidade de tipos de falácias apresentadas, possibilitando ao leitor uma sistematização fácil para lidar com sua ocorrência. Identificar falácias e apresentar o motivo pelo qual esse tipo de argumento é, de fato, enganoso são duas classes comportamentais que constituem “pensar criticamente” e “argumentar solidamente”. Navega, com isso, mostra uma contribuição importante para muitos profissionais utilizarem em suas atividades de relacionamento com clientes, alunos, outros profissionais e até consigo próprios.

A obra de Navega apresenta um capítulo acerca das “virtudes e males da linguagem”. Faltou, nesse capítulo (ou em mais um sobre linguagem), o autor examinar melhor as várias funções da linguagem (pelo menos as básicas) e as decorrências dos diferentes tipos de funções para o pensamento crítico e para a argumentação sólida. Ao apresentar exemplos do uso do pensamento crítico e da argumentação sólida, Navega avalia da mesma maneira discursos ou idéias cujas funções da linguagem são diferentes. Copi (1978), por exemplo, destaca as três principais funções da linguagem: a função informativa (usada para apresentar e demonstrar idéias), a função expressiva (usada para alterar os estados emocionais do ouvinte ou leitor) e a função diretiva (usada para dirigir as ações do ouvinte ou do leitor) e mostra que, em cada caso não se aplicam os mesmos critérios para avaliar a qualidade do discurso (criticar o discurso em cada uma dessas funções básicas). Nesse sentido, idéias apresentadas em um artigo científico e idéias apresentadas em uma propaganda não podem ser avaliadas com os mesmos critérios, pertinentes apenas a uma ou outra das funções da linguagem, uma vez que esses dois tipos de comunicação possuem funções diferentes. O primeiro tem a função de informar e demonstrar alguma idéia, enquanto o segundo tipo tem a função de dirigir a ação dos espectadores, em geral, para a compra de algum produto. Identificar as funções da linguagem em diferentes tipos de comunicação parece ser um componente do processo de pensar criticamente e argumentar solidamente, um aspecto, entretanto, pouco enfatizado ou destacado pela obra de

Sergio Navega, embora as exigências a respeito do exame das funções básicas do discurso seja crucial para estabelecer um juízo crítico ou para tomar decisões baseadas em uma argumentação sólida.

Diversas contribuições acerca do pensamento crítico e da argumentação sólida, duas classes gerais que constituem o comportamento de criticar, são apresentadas no texto de Sergio Navega, o que leva a obra merecer conhecimento, exame e estudo por pesquisadores, professores de diferentes áreas do conhecimento, por estudantes em geral e, em especial, por psicólogos e analistas do comportamento. Ainda que não explicita com clareza os aspectos do meio (situação antecedente e “resultados”) com que se relaciona alguém que apresenta o comportamento de criticar, Sergio Navega mostra algumas pistas sobre tais aspectos e apresenta também diversas classes gerais de comportamentos que constituem essa classe geral de comportamentos. Por ser um exame que poderia ser considerado como uma “Lógica Instrumental”, a obra não realça alguns elementos e decorrências destacadas por outras obras acerca do pensamento crítico, mas oferece contribuições que podem ser consideradas amplas até mesmo em relação a outras obras de mesma natureza (“Lógica instrumental”) acerca desse processo. A organização de critérios para construção e avaliação de argumentos válidos e a extensa lista de tipos de falácias apresentada são duas dessas contribuições. E ainda que não destaque a identificação da função básica da linguagem utilizada em uma comunicação como um componente do comportamento de criticar, o livro *Pensamento crítico e argumentação sólida* pode ser útil para profissionais que pretendam caracterizar, compreender ou mesmo ensinar o comportamento de criticar.

## REFERÊNCIAS

- Booth, W. C., Colomb, G. G., & Williams, J. M. (2005) *A arte da pesquisa* (2ª ed.) (Henrique A. Rego Monteiro, Trad.). São Paulo: Martins Fontes.
- Botomé, S. P. (2001) Sobre a noção de comportamento. Em H. P. M. Feltes & U. Ziles (Orgs.), *Filosofia: Diálogo de horizontes* (p. 685-708). Porto Alegre: EDIPUCRS; Caxias do Sul: EDUCS.
- Carrher, D. W. (1983) *Senso-crítico: Do dia-a-dia às ciências humanas*. São Paulo: Pioneira.
- Copi, I. M. (1978) *Introdução à lógica* (2ª ed.) (A. Cabral, Trad.). São Paulo: Mestre Jou.
- Navega, S. (2005) *Pensamento crítico e argumentação sólida: Vença suas batalhas pela força das palavras*. São Paulo: Publicações Inteliwise.

- Sagan, C. (1996) A arte refinada de detectar mentiras. Em C. Sagan, *O mundo assombrado pelos demônios: A ciência vista como uma vela no escuro* (R. Eichenberg, Trad.) (p. 200-217). São Paulo: Companhia das Letras.
- Silva, E. R da (2002) O desenvolvimento do pensar crítico no ensino da língua materna: Um objetivo de natureza transdisciplinar. Em E. R da Silva (Org.), *Texto e ensino*. (p. 43-68). Taubaté (SP): Cabral Editora/Livraria Universitária.
- Silva, E. R. da (2003a) O desenvolvimento do senso-crítico no exercício de identificação e escolha de argumentos. *Revista Brasileira de Lingüística Aplicada*, 3(1), 57-68.
- Silva, E. R. da (2003b) Estratégias metodológicas para a produção de textos críticos. *Revista Ciências Humanas*, 9, 21-26.
- Tenreiro-Vieira, C., & Vieira, R. M. (2000) *Promover o pensamento crítico dos alunos: Propostas concretas para a sala de aula*. Lisboa: Porto Editora.

Recebido: 07/02/2007

Revisado: 09/05/2007

Aceito: 15/05/2007

---

#### Sobre os autores:

**Gabriel Gomes de Luca:** Psicólogo pela Universidade Federal de Santa Catarina. Mestrando do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina. Endereço eletrônico: gabrielgomesdeluca@yahoo.com.br

**Sílvia Paulo Botomé:** Doutor em Ciências pela Universidade de São Paulo. Departamento de Psicologia e Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina. Endereço eletrônico: botome@cfh.ufsc.br

---